

H.G.

WELLS

A ILHA DO DOUTOR MOREAU

Tradução
Mayra Csatlos

H.G.

WELLS

A ILHA DO DOUTOR MOREAU



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The Island of Doctor Moreau

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
H. G. Wells

Revisão
Aiko Mine
Mauro de Barros

Editora
Michele de Souza Barbosa

Design de capa
Wilson Gonçalves

Tradução
Mayra Csatlos

Imagem
white whale/Shutterstock.com

Preparação
Regiane Miyashiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W453i	Wells, H. G.
	A Ilha do Doutor Moreau / H. G. Wells; traduzido por Mayra Csatlos. - 2. ed. - Jandira, SP : Principis, 2022. 144 p. ; 15,50cm x 22,60cm. (Clássicos da Literatura Mundial)
	Título original: The Island of Doctor Moreau ISBN: 978-65-5552-638-7
	1. Literatura inglesa. 2. Ficção científica. 3. Aventura. 4. Naufrágio. 5. Exílio. I. Csatlos, Mayra. II. Título.
2022-0155	CDD 820 CDU 82/9.82-31

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 820
2. Literatura inglesa : Romance 82/9.82-31

2ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Introdução	7
No bote do <i>Lady Vain</i>	9
O homem que ia a lugar nenhum.....	12
O rosto estranho	16
No guarda-mancebo da escuna	22
Um homem sem rumo	26
Os barqueiros diabólicos	30
A porta trancada.....	35
O choro da puma.....	40
A criatura na floresta.....	44
Um homem em prantos.....	53
À caça de um humano	57
Os Oradores da Lei.....	62
O armistício.....	70
Doutor Moreau explica.....	75
Sobre a tribo de bestas	86
O sabor do sangue	92
Uma catástrofe	104
O paradeiro de Moreau.....	110
Um dia de folga de Montgomery.....	115
Sozinho com a tribo de bestas	123
A reincidência dos instintos.....	129
Um homem solitário	141



INTRODUÇÃO

No primeiro dia de fevereiro de 1887, o *Lady Vain* naufragou após colidir com uma embarcação à deriva a aproximadamente 1 grau de latitude Sul e 107 graus de longitude Oeste.

No quinto dia de janeiro de 1888, ou seja, onze meses e quatro dias após o ocorrido, meu querido tio Edward Prendick, um reservado cavalheiro, o qual estivera a bordo do *Lady Vain* na província de Callao e, por consequência, tido como morto, foi resgatado a 5 graus e 3 minutos de latitude Sul e 101 graus de longitude Oeste em um pequeno barco de nome ilegível, o qual pertencera à escuna desaparecida *Ipecacuanha*. No entanto, ele prestara informações tão estrambólicas sobre o ocorrido que foi tido como louco, tendo inclusive alegado que não se lembrava de como teria escapado do *Lady Vain*. Dadas tais circunstâncias, seu estado foi avaliado por diversos psicólogos, que concluíram ser um caso incomum decorrente de um lapso de memória pós-traumático. A narrativa a seguir foi encontrada em meio aos seus documentos por quem vos fala, seu sobrinho e herdeiro, mas sem qualquer pedido de publicação por parte dele.

A única ilha conhecida na região em que meu tio foi resgatado chama-se Ilha dos Nobres, uma ilhota vulcânica e inabitada que havia sido

visitada apenas em 1891 pela companhia H. M. S. Scorpion. Seus velejadores que, então, desembarcaram na ilhota não encontraram nada além de mariposas brancas peculiares, javalis, lebres e ratazanas atípicas. Haja vista tais circunstâncias, asseguro-lhes que esta narrativa é, em sua mais tenra essência, inusitada. Portanto, em razão de tal excentricidade, creio que divulgá-la não aborreceria meu tio. Em seu nome e memória, afirmo: sim, ele sumiu a 5 graus de latitude Sul e 105 graus de longitude Leste e, sim, reapareceu na mesma extensão do oceano após onze meses. De alguma maneira, ele conseguiu sobreviver durante esse intervalo. Segundo testemunhos coletados em diversos portos do Pacífico Sul, a escuna *Ipecacuanha* e o capitão bêbado John Davies teriam iniciado a jornada pelos oceanos com uma puma e outros animais a bordo em janeiro de 1887. No entanto, a embarcação teria desaparecido (com uma grande quantidade de coco seco a bordo) após a partida de Bayna, em dezembro de 1887, data que coincide com a história de meu tio, rumo a um destino incógnito.

Charles Edward Prendick
(A história escrita por Edward Prendick)



NO BOTE DO *LADY VAIN*

Não pretendo acrescentar nada mais ao que foi dito a respeito do naufrágio do *Lady Vain*. Como todos sabem, ele colidiu com uma embarcação naufragada dez dias após a saída de Callao.

Com sete velejadores a bordo, o escaler foi resgatado após dezoito dias pela canhoneira *H. M. Murta*, e sua terrível história de privação tornou-se famosa como “o pior caso do tipo *Medusa*”¹. No entanto, devo acrescentar outro detalhe possivelmente tão horripilante quanto bizarro à história publicada sobre o *Lady Vain*. Até o momento, supôs-se que os quatro homens a bordo teriam sucumbido. Todavia, essa informação é um enorme equívoco, e detenho evidências contundentes para afirmá-lo: eu mesmo estava a bordo do *Lady Vain*.

Em primeiro lugar, devo dizer que nunca houve quatro homens na embarcação; éramos três homens apenas. Constans, que era considerado pelo capitão como o “intrépido”², felizmente para nós e infelizmente para ele, não pôde nos alcançar no momento do acidente. Deslizou pelo

¹ *Medusa* era uma embarcação francesa que naufragou em 1816. Entre os sobreviventes do desastre, havia quinze pessoas resgatadas em uma jangada, as quais chegaram ao limite da humanidade na tentativa de serem socorridas com vida. (N.R.)

² Segundo o periódico *Daily News* de 17 de março de 1887. (N.T.)

emaranhado de cordas embaixo do gurupés danificado, mas uma pequena corda enroscou em seu calcanhar e o pendurou de cabeça para baixo antes que ele caísse e colidisse com um mastro, ou obstáculo, que flutuava na água. Tentamos trazê-lo de volta à superfície, mas fracassamos.

Digo que fomos sortudos por Constans não ter nos alcançado, mas, na verdade, a sorte foi dele próprio, já que, após o acidente, nos restaram apenas um punhado de biscoitos encharcados e um pouco de água, tamanho era o despreparo da embarcação e tão inesperado fora o ocorrido.

Então, tentamos chamar a atenção de umas pessoas dentro de uns botes, que supostamente estariam mais bem aprovisionadas do que nós (apesar das aparências o negarem), mas não conseguiram nos ouvir e, na manhã seguinte, quando a garoa deu-nos uma trégua, pouco depois do meio-dia, não as víamos mais. Na verdade, sequer podíamos levantar, tamanho era o balanço da popa e da proa. Os outros dois homens que haviam escapado comigo eram Helmar, tão passageiro quanto eu, e um marinheiro cujo nome desconheço, um homem grande e musculoso, que tinha uma gagueira peculiar.

À deriva, estávamos famintos e, mais tarde, quando a já escassa água se esgotou por completo, nos vimos atormentados durante oito longos dias pela sede excruciante.

Após o segundo dia à deriva, o mar transformou-se em calmaria. É quase impossível que você, leitor, consiga imaginar o que foram esses oito dias. Com sorte, faltam-lhe experiências para tal imaginação.

Após o primeiro dia, mal nos dirigíamos uns aos outros, apenas permanecemos em nossos lugares. Somente olhávamos para o horizonte, ou melhor, testemunhávamos, com olhos a cada dia mais abugalhados e abatidos, a miséria e a fraqueza tomarem conta de nossos companheiros.

O Sol tornou-se impiedoso. A água acabou no quarto dia, quando começamos a alucinar. Nossos olhares diziam tudo o que nossas bocas não eram capazes. Creio que esse foi, na verdade, o sexto dia antes que Helmar desse voz ao que todos estávamos pensando. Lembro-me de nossas vozes tão ásperas e enfraquecidas a ponto de termos de nos aproximar uns dos outros para que fôssemos ouvidos. Levantei-me com todas as forças em uma tentativa de afundar o bote e perecer junto aos

A ILHA DO DOUTOR MOREAU

tubarões que nos seguiam há dias; mas quando Helmar, em vez disso, propôs que bebêssemos a água do mar, o marinheiro discordou.

Mal conseguia me mexer naquela noite em que o marinheiro sussurrava insistentemente para Helmar. Sentei-me na proa com um canivete em mãos, embora não tivesse forças para lutar. Na manhã seguinte, concordei com a proposta de Helmar: tiramos cara ou coroa e o marinheiro, o mais forte de todos, saiu na pior. Tendo discordado, atacou Helmar com as mãos. Travaram uma briga e quase se levantaram. Arrastei-me até eles e, na tentativa de auxiliar Helmar, puxei o marinheiro pelas pernas, que, por sua vez, se desequilibrou com a movimentação e rolou para fora do barco, levando Helmar consigo. Os dois afundaram como duas pedras. Lembro-me de rir inesperadamente sem entender por quê.

Em seguida, deitei-me em um dos assentos por não sei quanto tempo, pensando que, se tivesse forças, beberia água do mar e me mataria lentamente. E, enquanto permanecia lá, deitado, sem iniciativa, vi uma embarcação vir até mim direto do céu. Minha mente estava provavelmente desvairando, no entanto, lembro-me de tudo perfeitamente. Lembro-me de como minha cabeça balançava com o barco e de como o horizonte dançava no mesmo ritmo. Recordo-me ainda da convicção de estar morto e da piada que seria se por tão pouco me encontrassem vivo.

Durante um período interminável, como pareceu, permaneci deitado com a cabeça no assento enquanto observava a escuna (era uma pequena embarcação com proa e popa) emergir do mar. Ela balançava para a frente e para trás em um compasso crescente, já que navegava morta pelos ventos. Nunca passou pela minha cabeça chamar sua atenção e não me lembro de mais nada após tê-la visto. Só me lembro de acordar em uma pequena cabine em sua popa.

Ainda tenho uma vaga lembrança de ter sido carregado pelos corredores, bem como de um rosto redondo, cheio de sardas e repleto de cabelos ruivos, o qual me fitava por entre os baluartes. Também tenho a impressão de ter visto um rosto cuja pele era escura e os olhos eram bem grandes. Lembro-me desses olhos bem próximos dos meus; mas este creio ter sido um pesadelo, até que o encontrei novamente. Bem, depois, colocaram algo em minha boca e isso é tudo de que me recordo.



O HOMEM QUE IA A LUGAR NENHUM

A cabine em que eu estava era diminuta e consideravelmente desorganizada. Sentado ao meu lado enquanto verificava meu pulso, estava um jovem de cabelos claros, com um bigode desgrenhado cor de palha e cujo lábio inferior parecia ligeiramente caído. Por um momento nos encaramos sem que disséssemos nada. Ele tinha olhos acinzentados e um olhar estranhamente vazio. De repente, pude ouvir um som como de metal proveniente de algum compartimento superior seguido de um rosnado de um animal de grande porte. O homem falou ao mesmo tempo, repetindo sua pergunta:

– Como se sente?

Creio ter dito que me sentia bem. Não conseguia me lembrar como havia chegado ali. Ele provavelmente leu essa pergunta na minha expressão facial, já que a minha voz mal podia ser ouvida.

– Você foi encontrado faminto em um barco. O nome da embarcação era *Lady Vain*. Havia manchas de sangue pelo convés – disse o homem.

Passei os olhos pelas minhas mãos e elas estavam tão magras que pareciam uma bolsa suja de pele e ossos. Nesse momento, lembrei-me de tudo o que passara no bote à deriva.

A ILHA DO DOUTOR MOREAU

– Beba um pouco disto – disse ele enquanto me oferecia uma dose de alguma bebida escarlate gelada.

Tinha gosto de sangue e fez com que me sentisse um pouco melhor.

– Você teve sorte de ter sido encontrado por um navio com um médico a bordo – disse, soltando alguns perdigotos e com uma ligeira sombra de “língua presa” na fala.

– Que navio é este? – perguntei com um fio de voz rouca, devido ao longo período recôndito ao meu próprio silêncio.

– É um pequeno navio mercante de Arica e Callao. Tampouco perguntei quando subi a bordo, provavelmente da terra dos tolos. Sou apenas um passageiro de Arica. O dono desta embarcação, um parvo, é, por coincidência, o capitão, chamado Davies. Ele disse que perdeu o certificado de navegação ou algo assim. Você pode imaginar o tipinho que ele é... chama o troço de *Ipecacuanha*, nomezinho infernal. No entanto, quando os ventos não estão favoráveis, ela até que navega como esperado.

(Neste momento, ouvi o som do compartimento superior mais uma vez, seguido de um rosnado e a voz de um humano. Depois, ouvi outra voz que mandava “algum miserável idiota” desistir.)

– Você quase morreu – disse meu interlocutor. – Foi por muito pouco, mas dei-lhe algumas injeções. Vê seu braço? Você ficou inconsciente por quase trinta horas.

Aos poucos, comecei a raciocinar. (Mas distraí-me com os latidos de vários cachorros.)

– Posso comer algo sólido? – perguntei.

– Graças a mim, você pode – disse. – O carneiro está no fogo.

– Ótimo – respondi com deleite. – Eu adoraria carne de carneiro.

– Contudo – disse ele com uma ligeira hesitação –, tenho interesse em saber como você foi parar naquele barco sozinho. Droga de uivo! – senti que estava um tanto desconfiado.

De repente, o homem deixou a cabine e pude ouvi-lo discutir violentamente com alguém, que respondia com uma conversa sem sentido. Pareceu-me, então, que o assunto foi resolvido na base da bordoadada,

mas meus ouvidos provavelmente me enganaram. Depois, o homem gritou com os cães e voltou à cabine.

– E então? – perguntou-me assim que alcançou a porta. – Você ia me contar o que houve.

Disse a ele o meu nome, Edward Prendick, e como as ciências naturais representavam um alívio em minha confortável independência.

Ele pareceu interessado:

– Eu estudei muita ciência também. Estudei Biologia na University College, desde o ovário das minhocas à rádula das lesmas e tudo mais... Deus! Já se foram dez anos... mas, enfim, continue. Fale-me sobre a embarcação.

Ele estava claramente satisfeito com a franqueza da minha história, a qual contei de maneira concisa, já que ainda me sentia bastante fraco. Quando terminei, ele voltou ao assunto das ciências naturais e seus estudos no campo da Biologia. Então, perguntou-me sobre a Rodovia Tottenham Court e a Rua Gower³.

– A Caplatzi⁴ vai bem? Que loja maravilhosa.

(Ele parecia ter sido o típico aluno de Medicina, voltando vez ou outra ao assunto dos salões de música. Contou-me, inclusive, algumas anedotas.)

– Deixei tudo para trás – disse. – Dez anos se passaram. Que divertida era a vida! Entretanto, eu era um moleque e caí fora antes de completar meus vinte e um anos. Ouso dizer que tudo mudou muito. Enfim... deixe-me ver como vai aquele projeto de cozinheiro e o que houve com o seu carneiro.

Os cães voltaram a ladrar subitamente e com tanta ferocidade que me apavorei por um instante.

– O que é isso? – chamei-o, mas a porta estava fechada. Ele finalmente voltou com um carneiro tão quentinho e fumegante que me esqueci de todo o tumulto que as feras estavam causando lá em cima.

³ Duas ruas famosas na cidade de Londres, Reino Unido. (N.T.)

⁴ Loja de artigos científicos na cidade de Londres, Reino Unido. (N.T.)

A ILHA DO DOUTOR MOREAU

Após um dia inteiro de sono e comilança alternados, me sentia tão revigorado a ponto de conseguir levantar-me do beliche onde me encontrava e caminhar até a escotilha para ver o mar verdejante se movimentando no mesmo ritmo da embarcação.

Supus que a escuna estava navegando a favor dos ventos. Montgomery, o cavalheiro de cabelos cor de palha, voltou e aproveitei para lhe pedir alguns trajes emprestados, já que os meus haviam sido jogados ao mar. Então, me entregou alguns frangalhos de sua própria coleção. A verdade é que as roupas ficaram bem largas, pois era, de fato, um homem robusto e longilíneo. Contou-me que o capitão estava completamente embriagado em sua cabine. Enquanto eu me vestia, comecei a questioná-lo sobre o destino da embarcação em que nos encontrávamos. Montgomery disse que ela ia ao Havaí, mas que ele desembarcaria em outro lugar.

– Onde? – interpelei-o.

– Na ilha onde moro. Até onde eu sei, não tem nome.

Percebi que o homem me encarou, como uma estátua, com seu lábio inferior ligeiramente caído e uma boçalidade um tanto suspeita, como se tentasse esquivar-se dos meus questionamentos. Fui discreto o bastante para interromper meu breve inquérito.